



**MULHERES NA RUA: APONTAMENTOS
SOBRE A DIMENSÃO POLÍTICA DO CORPO FEMININO NO ESPAÇO PÚBLICO**

***WOMEN AT THE STREET: SOME NOTES
ON THE POLITICAL DIMENSION OF THE FEMALE BODY IN THE PUBLIC SPACE***

Milene Migliano, Maria Isabel Costa Menezes Rocha

Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

milenemigliano2@gmail.com; bel.cmr@gmail.com

V. 8, n. 1 [12] jan/abr
(2016)

Dossiê: Gênero e Espaço II

Resumo

Nossa proposição busca desvelar a questão de ser mulher e pesquisadora no espaço público, seja ele a rua, seja ele o espaço de visibilidade acadêmica. A partir do nosso deslocamento para a cidade de Salvador, para cursarmos o doutorado na UFBA, muitos questionamentos passaram a atravessar nosso cotidiano, transformando nossa relação e posicionamento crítico diante da questão de ser mulher. Por meio do encontro com as perspectivas de enunciação pedestre e contaminação afetiva buscamos tensionar o que passamos a entender como mais um dispositivo de pacificação, o machismo.

Palavras-chave

Espaço público. Errância. Mulher.

Abstract

Our proposal seeks to unveil the issue of being woman and researcher in the public space, be it the street, be it the academic space of visibility. From our shift to the city of Salvador, to attend the doctorate at UFBA, many questions began to go through our daily lives, transforming our relation and critical stance on the issue of being a woman. Through the encounter with the prospects of pedestrian enunciation and affective contamination we seek to tension what we understand as another pacification device, the sexism.

Keyword

Public Space. Errance. Woman.

Este texto surge a partir da tentativa de um olhar crítico-analítico sobre o ser pesquisadora em trânsito na contemporaneidade e no espaço urbano. A partir do questionamento apresentado, com base em um resumo expandido, em um colóquio ocorrido em Paris¹, diversas outras situações em que o papel da mulher é colocado – não apenas como sujeito que ocupa os espaços públicos, mas também como o que busca conquistar espaço de fala, além da cidade, também na academia – tornaram-se matéria-prima para alimentarmos o questionamento inicial e desenvolvermos essa proposta.

Durante o referido colóquio, o único texto que colocou em questionamento o que significa ser mulher ao caminhar pelo espaço público, foi aquele que apresentamos. Ao final, propusemos um debate onde vozes de diversas partes do mundo se fizeram ouvir, relatando situações de observação, superação e/ou opressão, ao realizar a pesquisa nas cidades. Ainda após a mesa, diversas pesquisadoras vieram trocar narrativas e impressões dos seus status como mulheres nas cidades e das mulheres outras as quais encontram diariamente em seu cotidiano de pesquisa, atentando para a dimensão assimétrica da mulher em relação ao homem. Percebemos com isso, que a questão do ser mulher na cidade permanece circulando apenas dentro de grupos que tenham essa temática (de pesquisa) ou experiência (de vida) em comum, conformando espécies de “guetos” científicos, como aquele dos *estudos de gênero*. Trazer o debate para uma mesa de tema mais genérico, como “caminhar na cidade”, nos trouxe a possibilidade de expandir a temática da experiência urbana, levando em conta a diversidade de condições humanas presentes no espaço público, como em todos os espaços da vida em sociedade.

Podemos perceber que essa assimetria também se faz presente no mundo acadêmico. É só observarmos, em uma rápida conferida, a quantidade de autores do sexo masculino que utilizamos, ao invés das vozes femininas, que sabemos serem produtoras de conhecimento, mas muitas vezes ainda não legitimadas academicamente. Rose Marie Lagrave (2010), em seu texto “Se ressaisir”, publicado na revista “Genre, sexualité et société” narra a sua experiência ao se tornar pesquisadora na França dos anos setenta. Proveniente de uma família sem recursos, a autora sempre desenvolveu abordagens de pesquisa onde as diferenças antropológicas entre as classes sociais faziam parte da sua bússola, indicando as

¹ O Colóquio Internacional “The intricacy of the walking in the city” aconteceu na universidade de Paris-Marne la Vallée nos dias 21, 22 e 23 de janeiro de 2015.

fronteiras que não poderiam/ deveriam ser atravessadas. A partir do momento em que se consolida como professora em uma universidade francesa, constata que havia outras barreiras ainda maiores do que as de sua classe social de origem, as erguidas por ser mulher. Lagrave então conhece o feminismo e considera que as bandeiras pelas quais essa luta se levanta podem ser classificadas como um ato de nascença, por se constituir em um reconhecimento da (própria) condição feminina. Atenta a todas as contradições que tal tomada de posição pode fazer aparecer, a autora conclui o texto dizendo que reelaborar o posicionamento é sempre o melhor exercício para seguir adiante com as trajetórias e percursos da indignação e crítica social (Ibid. p.10), sempre muito mais complexos e contraditórios do que se pode imaginar.

Florence Weber (1990) ressalta ser indispensável compreender o modo como ela observa o mundo para poder construir as análises a partir do trabalho de campo realizado. Na entrevista a Gérard Noirel intitulada "Journal de Terrain, journal de recherche et auto-analyse", a antropóloga interroga a experiência do processo de construção da problemática a ser analisada. Ao evidenciar a importância da análise enquanto pesquisadora na compreensão do seu trabalho, Florence destaca o papel fundamental das relações sociais em campo, quando diz "os outros podem ajudá-lo, fazê-lo ver suas ingenuidades, colocá-lo no seu devido lugar"². (Ibid. p.142 [tradução livre]). Mas como as pesquisadoras podem encontrar seu lugar no espaço social da cidade contemporânea?

Nadja Monnet, antropóloga e professora na Universidade de Toulouse, trata em sua pesquisa sobre o lugar social da mulher no centro da cidade de Barcelona, a partir de diversas observações que realizou nessa temática, entre elas aquelas feitas no âmbito da sua tese de doutoramento. No texto "Flanâncias femininas e etnografia" (MONNET, 2013) a autora faz uma breve lembrança de como a situação de *flânerie* se constituiu – a partir da pesquisa de Régine Robin – compreendendo o ato de passear pela cidade sem direção, em diversos meios de locomoção, para, como uma catadora³, apreender os sentidos que o espaço urbano pode nos trazer. Compara a relação de pesquisa da etnologia à da flanância urbana, ao elencar o modo de apreensão de Edgard Allan Poe, Baudelaire, e Walter Benjamin como essencial à medida de "observar, sem muito participar, a efervescência urbana" (Ibid. p.219).

² "Les autres peuvent vous aider, vous montrer vos naïvetés, vous résituer a votre place." (WEBER, 1990, p.142)

³ Aqui a autora faz também uma referência ao filme "Os catadores e eu" (Les glaneurs e la glaneuse), 2000 de Agnès Varda. No filme, a prática do ser catador conforma um modo de olhar para o mundo, em busca do que é possível encontrar à disposição.

Mas, segundo ela, a quem é dada essa possibilidade de observar sem muito participar: aos homens. A mulher, aparentemente em nossas observações em Salvador, apenas por estar em um espaço público urbano, já se coloca numa situação de ser observada pelos olhos da rua.

Janet Wolff, enquanto examina a experiência moderna de espaço público, observa a separação dos domínios público e privado do ponto de vista dos sexos e, citando a experiência de Georg Sand – ao vestir-se como um homem, pôde enfim flunar na Paris do século XIX – lembra que “as mulheres não podiam passear sozinhas na cidade” (WOLFF, 1985, p.41). Ela constata que, apesar de autores como Sennett, Simmel e mesmo Baudelaire reconhecerem a diferença da experiência urbana feminina, “o dandy, o flâneur, o herói, o estranho – todas as figuras invocadas para sintetizar a experiência da vida moderna – são invariavelmente figuras do sexo masculino”⁴ (Ibid. [tradução livre]).

Percebemos então que o caráter “público” do espaço autorizava (ainda hoje?) aos homens uma experiência de mundo relativa ao conhecimento de si na liberdade e no risco de ser no mundo. No entanto, para as mulheres, “era onde se corria o risco de perder a virtude” por ser visto como um domínio imoral, segundo Sennett (1998 [1974], p. 39), referindo-se também ao século XIX. Outros autores, como Manuel Delgado (no blog⁵, postagem de 8/1/2015) também problematizam o sentido de espaço público, e salientam a diferenciação da experiência feminina em relação à experiência masculina de cidade através da compreensão do adjetivo “público” nos dois casos. Delgado conclui que o *homem público* é aquele que, no “reino da crítica e da opinião” do espaço público, deve prestar contas das suas ações sempre que for pedido. Em contrapartida, *mulher pública* indica que a mesma é parte do espaço público e, assim sendo, está acessível ao público; diferentemente de se estar *no* espaço público, ela está *do* espaço público.

Vemos que os estudos das autoras se localizam mais fortemente na experiência contemporânea de espaço público, tensionando a “preservação” de uma cultura que determina a segregação dos territórios de atuação masculina e feminina, público e privado. Neste sentido, gostaríamos de citar ainda Jaqueline Coutras, cuja linha de pesquisa interroga esta “construção sexuada do espaço urbano” com base nas noções de cotidiano, público e privado, mas também na noção de território. Quem participa

⁴ “The dandy, the flâneur, the hero, the stranger – all figures invoked to epitomise the experience of modern life – are invariably male figures.” (WOLFF, 1985, p.41)

⁵ <http://manueldelgadoruiz.blogspot.com.br/2015/01/e-femenino-del-hombre-de-la-calle-no-es.html>

da organização do espaço urbano em territórios? Se atualmente se trata de homens e mulheres que atuam para a conformação do espaço urbano, é fundamental observar de que maneira isto se dá, e não só no tocante à diferenciação público / privado, mas de como os corpos constituem territórios no espaço público. Segundo Coutras, “o corpo é o pivô das situações onde o traje, o gesto, a palavra fazem sinais, solicitam ou afastam as trocas de olhares. (...) Ele é também memória de gestos e de posturas: uma superfície onde são inscritas as práticas e os controles sociais”⁶ (COUTRAS, 2008, p.4 [tradução livre]) e isso se refere a todos os tipos de corpos. A presença enquanto corpo feminino nas ruas de Salvador foi o que nos provocou a encarar o assunto não só no campo pessoal, pois passamos a ser moradoras da capital baiana, mas também no campo da pesquisa acadêmica.

A cidade corporificada

O mergulho com nossos corpos (inicialmente) estrangeiros na cidade de Salvador da Bahia, nos chamou a atenção para a diferença de gêneros (sobretudo na dualidade distintiva entre os sexos). Nesse sentido, o campo que abordamos é aquele não só do conhecimento, como também da vivência das relações sociais estabelecidas no espaço público urbano a partir do cruzamento de nossas errâncias exploratórias, que nos sensibilizaram às diferenças, mais especificamente as de gênero.

O assédio sexual nos pareceu demasiadamente presente em Salvador, nos interrogando sobre a problemática da pacificação em meio urbano, onde as subjetivações culturalmente construídas – principalmente em relação às hierarquias presentes no espaço público – se constituem igualmente em violências. Se entendermos a pacificação como um dispositivo (FOUCAULT, 1977; AGAMBEM, 2005) que impõe um discurso e submete os indivíduos a um modo de agir/estar em público, podemos considerar as relações sociais baseadas no machismo – enquanto relação de poder incorporada/ assimilada/ naturalizada socialmente – como pacificadoras. O paradoxo da pacificação é portanto a violência que caracteriza sua forma de se produzir. Enquanto na construção etimológica e no discurso, pacificar expressa um sentido de regulação, apaziguamento, na prática vemos a imposição de normas estabelecidas por uma classe de pessoas e a sujeição a essas normas de pessoas de uma outra classe. A não-sujeição implica em sérios riscos para as(os) infratoras(es).

⁶ “Le corps est le pivot des situations où l’habit, le geste, la parole font signe, sollicitent ou repoussent le vis-à-vis. (...) Il est aussi mémoire de gestes et de postures : une surface où sont inscrits les pratiques et les contrôles sociaux.” (COUTRAS, 2008, p.4)

Nesse sentido, atualmente utiliza-se, na crítica urbanística, o termo pacificação inclusive para referir-se aos ordenamentos urbanos que não dialogam (ou dialogam pouco) com os aspectos sócio-espaciais existentes, impondo um modelo de espaço e um modo de vida alheios ao contexto, sobretudo o do espaço público. Aqui nós não nos detemos em uma pacificação urbanística dos espaços públicos, mas tentamos enxergar além do conflito, na conformação cotidiana desses espaços enquanto espaços da comunicação e onde agem os dispositivos de controle.

Nossa busca por compreender onde se encontra o lugar e como se constitui o território das mulheres nos espaços públicos urbanos começou de maneira errática e se apoia nas narrativas errantes da experiência feminina (como mulheres) no espaço público urbano de Salvador. Parecia certo, pelos avisos e narrativas que escutávamos a todo tempo, que às mulheres não cabia explorar toda a cidade, especialmente nós, que não éramos nascidas e criadas em Salvador. Desse modo, o "método" de errância (JACQUES, 2012) nos mostra uma potente via para o trabalho, construída na tensão de ser mulher e estrangeira nos espaços urbanos vividos. Quais são as táticas apreendidas por nossos corpos para enfrentar a violência do machismo e como se produzem as narrativas errantes das experiências diversas que podem transformar nossa apreensão como também nosso modo de estar na cidade? Neste sentido, podemos observar como a experiência é transformável/ transformada a partir das ferramentas utilizadas em campo, sejam câmeras, caderninhos, sejam apenas nossos corpos. Do mesmo modo, percebemos que as vestimentas são fatores que modificam a experiência e são também ferramentas de adaptação ao contexto sociocultural. O que atualizamos/ativamos em matéria de subjetividades? O que podemos (re)produzir, como registro ou narrativa, *depois* da experiência que não estava necessariamente lá *durante* a experiência? Podemos nos remeter aqui àquilo que Fabiana Britto e Paola Berenstein Jacques nomearam *corpografias* urbanas: "a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade o que passamos a chamar de corpografia urbana". (BRITTO; JACQUES, 2008, p.79). Assim, entendemos que esta corpografia, é também alimentada ou transformada por uma apreensão cognitiva e subjetiva das "normas" que regem os espaços públicos de contextos sociais diversos, e dialoga com o que Coutras nos diz sobre o corpo enquanto superfície.

Os relatos de caminhadas urbanas, assim como nossas próprias experiências, são os dados utilizados para construir nosso argumento, que consideramos como uma narrativa outra, atravessada pelas subjetividades que mobilizamos, alimentadas por

nossas temáticas pessoais de pesquisa e por outras referências que tocam igualmente o assunto do andar na cidade. Entre essas, já citamos algumas como Nadja Monnet, que trabalha diretamente sobre a condição feminina ou, segundo suas palavras, “a natureza sexuada dos espaços públicos” (MONNET, 2013, p.221) e nos mostra que esta natureza – e aqui já podemos questionar o que há de “natural” nisso – não é exclusividade brasileira ou baiana. Além disso, ela provoca: “um espaço público não é um espaço acessível a todos e todas, ao contrário do que se diz” (Ibid., p. 222). No entanto, os relatos nos mostram que podemos experimentar e tensionar a ordem dominante, pacificadora, seja enquanto pesquisadoras, seja enquanto usuárias do espaço público urbano.

Segundo a compreensão de Michel de Certeau, quando caminhamos na rua, construímos igualmente um discurso que significa (tem significado) no e com o contexto urbano. Para o autor, a *enunciação pedestre* se constitui na relação entre o estilo, o que configura a maneira de ser daquele que caminha, e o uso, que “define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato; remete a uma norma”. (Certeau, 2013 [1990], p. 166). Essa enunciação pedestre, que compõe o movimento da rua, é uma das chaves de análise da nossa problemática. A outra é a ideia de *contaminação transversal afetiva*, desenvolvida por Félix Guattari (2012 [1992]), que compreende a potência da apreensão sensível na produção dos afetos e perceptos, numa posição privilegiada em relação às áreas de conhecimento – a arte, em relação à filosofia ou à ciência. A contaminação derivada da sensibilidade estética está na disputa da dinâmica de produção dos agenciamentos coletivos de enunciação. Para Guattari, a sensibilidade acessível e acessada pela arte, como dimensão criativa do/no mundo, pode ser desperta igualmente nas invenções cotidianas dos espaços urbanos e nas criações de agentes que transformam esses espaços. Assim, a condição de possibilidade e/ou a produção de subjetividades em torno de uma errância realizada por uma mulher no espaço de uma feira, de uma rua deserta, ou de uma praça revitalizada se constituiriam de formas diferentes. A apreensão sensível do espaço se compõe e se transforma pelos diversos estímulos capazes de atualizar as subjetividades experienciadas. Há inclusive que se perceber se todas as mulheres, igualmente, têm lugar reivindicado (afirmado) ou negado em determinado território ou espaço público, tendo em vista que cada lugar se constitui a partir de jogos de poderes e interesses entre diversos atores (que originam discursos, normas e narrativas diversas). Interessa-nos encontrar, ainda neste artigo, a quais contaminações nossos corpos são submetidos e quais são os *discursos/*

agenciamentos coletivos de enunciação capazes de serem apreendidos e mobilizados por nós nesse movimento errante de investigação.

A disponibilidade que torna possível uma contaminação transversal nos leva também a descobrir nas narrativas mais diversos exemplos de relações sociais de poder, implicando ao mesmo tempo a produção simbólica e política de/entre a mulher e outros grupos. A construção de subjetividades acontece também pela via do cinema, da literatura, etc., frequentemente com o caráter de denunciar, mas também de modo a expressar uma naturalidade em vista da submissão de certos grupos em relação a outros. Acreditamos que o trabalho de pesquisa errante que realizamos, fortemente fundamentado na alteridade de nossa própria condição em meio urbano, é capaz de interrogar as pacificações silenciosas às quais somos submetidas(os) cotidianamente.

O corpo escrito e inscrito

Por outro lado, a nossa experiência cotidiana e errante em Salvador nos deu a possibilidade de conhecer e conviver com outros modos de estar feminino no espaço público urbano: a presença de mulheres que, contrariamente ao que se pudesse esperar em uma sociedade fundamentada no machismo, atuam como reguladoras espontâneas e referências dos/nos espaços de sociabilidade. Aqui trazemos o exemplo de duas dessas mulheres, ambas negras: uma delas é o que chamamos no Brasil “moradora de rua”, é de fato uma errante, seria um daqueles a que Milton Santos nomeou *homens lentos*, se não tivesse o expressivo diferencial de ser uma mulher. A outra, uma figura já tradicional na orla do Porto da Barra, vende cocos há anos, trabalhando no pesado com o facão em punho. Teve seu quiosque demolido pelo poder público – assim como outros vendedores de coco – mas continua a ser respeitável referência para os diversos tipos que passam pelo Porto. Ambas habitam zonas nobres da cidade de Salvador.

A primeira, em suas errâncias, cobre uma grande região entre os bairros do Centro e da Barra, passando pela Graça, onde os edifícios e condomínios são chamados mansões. Ela conhece, cumprimenta e conversa com todas as pessoas cujos olhares cruzam com os seus, é só encontrar uma brecha. Nem sempre, quase nunca, pede alguma coisa, um “trocado”, mas está sempre ativa em comunicar, nem que seja com um “não fique com medo não, eu lhe protejo”. Há de se pensar que incrível é o poder dessa mulher, capaz de nos proteger dos possíveis riscos da rua, como se fosse imune a esses mesmo riscos. Será que é?

Já ouvimos vários relatos a respeito dela, geralmente vindos de outras mulheres, das suas conversas envolvendo os temas mais banais do dito “universo feminino”, como menstruação, casa e filhos, também sobre dor de cabeça ou sobre a boa e velha cachaça. Através dela percebemos o espaço público como lugar de fato da *enunciação pedestre*, mas também como lugar da resistência e do convívio. Agindo para além das normas culturais (de distanciamento, por exemplo) e da expectativa sobre uma “moradora de rua”, ela, como diria Ana Clara Torres Ribeiro (2005), costura saberes à co-presença, saberes de sociabilidade. “esses gestos-fio reafirmam a sociabilidade, possibilitando o afloramento de fundamentos da vida social, distantes a priori de qualquer tipo de fundamentalismo.” (Ibid. p. 417). Além disso, por escapar ao totalitarismo da racionalidade, segundo dizia Milton Santos (2002 [1996]) sobre os homens lentos, realiza errâncias dentro da sua condição feminina: e faz questão de afirmar a sua presença no espaço público. Talvez mais importante que isso, ela estabelece uma parceria, segundo suas próprias palavras, nos faz parceiras no desbravamento do espaço público, quiçá na nossa própria sobrevivência. Através da sua provocação enunciativa – e não apenas através da linguagem verbal – ela nos afeta de forma a desestabilizar as subjetividades já incorporadas do discurso dominante. Nos resta a disponibilidade de nos deixar contaminar para tensionar certas determinações e estereótipos construídos socialmente – como aquele de mulher pública – e perceber a “energia revolucionária própria dos miseráveis, dos *excluídos* do jogo político corrente” (DIDI-HUBERMANN, 2011, p.34 [grifo no original])

A segunda personagem ocupava um quiosque, delimitado pelo poder público, em meio ao espaço público da orla do Porto da Barra, localização que possibilitava uma participação intensa da vida do lugar. O ordenamento/pacificação dessa parte da orla - numa ação de gentrificação - sob a justificativa do embelezamento dos pontos turísticos, em vista do mega-evento da copa do mundo de futebol de 2014, trouxe a destruição de parte dos equipamentos de serviço na faixa da orla, com promessas de reconstrução. Até o momento de escrita deste artigo os vendedores de coco não tinham seus quiosques reestabelecidos. Alguns desistiram da função. Mas ela não. A vendedora continua sendo uma presença constante no Porto da Barra. Tornou-se referência para muitos usuários da área, os mais diversos. Seu ponto de venda, agora mais escondido em relação à praia, é base para outros trabalhadores, como os garis que se concentram ali na hora do almoço, ou a baiana que vende acarajé e guarda ali seu material de trabalho.

Todos apresentam grande respeito para com ela, que foi desrespeitada e deslegitimada pelo poder público. Percebemos que o seu papel na sociedade vai além daquele relativo à sua profissão. Ela não seria uma simples vendedora de cocos, mas uma agente social espontânea, infelizmente não considerada pelas instituições. Ela compõem um agenciamento coletivo de enunciação com grande parte da classe trabalhadora presente no seu entorno. Por não ser de fato uma excluída da sociedade, como a primeira, observamos no seu discurso uma clara contaminação por uma carga de subjetividade pacificadora, sobretudo no que diz respeito ao risco para uma mulher de se encontrar desacompanhada no espaço público. Talvez esta seja a sua forma de cuidar das pessoas que a frequentam, alertando dos perigos e interessando-se por suas vidas.

O maior risco, que observamos na situação em que se encontra, é aquele relativo ao próprio poder público, operando no sentido de calar/imobilizar os discursos/agenciamentos construídos no cotidiano de uma apreensão prolongada do espaço de sociabilidade. A atuação, o conhecimento e mesmo a representatividade locais dessa vendedora aliam-se ao cuidado e comprometimento social, ou comunitário. Isto nos remete inclusive, àquelas mulheres negras referenciadas por Ruth Landes⁷ (1947), na primeira metade do século XX; em seu livro mais célebre, a autora qualifica Salvador como “Cidade das Mulheres”.

Assim como os discursos/agenciamentos que a moradora de rua e a vendedora de coco produzem e contaminam as ruas de Salvador, pudemos perceber também que alguns discursos ampliam a potência da resistência criativa em relação à situação da mulher, ao se fixarem efemeramente nos muros da cidade.

Ao perceber, observar e fotografar os *graffitis* que atravessam nosso caminho, notamos poucas produções que colocam em cena a discussão/reconhecimento/afirmação da questão da mulher, apesar de sabermos ser essa uma questão de opressão compartilhada na cidade. Dentre as cerca de duas mil imagens que registramos pelas ruas de capital baiana durante dois anos, encontramos apenas seis que contextualizavam em alguma medida a questão dos territórios espaço-temporais e a presença da mulher. Trazemos para a revista três, que

⁷ Ruth Landes, ao estudar as relações de raça na Cidade da Bahia no final dos anos 1930, notou que as mães-de-santo eram referências importantes para uma grande comunidade pobre e negra. Sobre as mulheres e o espaço público, em geral, observou: “Um aristocrata jamais consente que as mulheres da sua classe andem sozinhas depois do pôr-do-sol, enquanto as negras sempre andam sós, mesmo quando acompanhadas por um homem.” (Landes, 2002 [1967], p. 101)

consideramos bons exemplos de como essas narrativas também podem tomar o espaço dos muros como lugares de agenciamentos coletivos de enunciação.

A primeira que gostaríamos de comentar é um estêncil que tem grafado as palavras "machismo mata". Ela foi encontrada no muro do prédio do Diretório Central de Estudantes da UFBA, na avenida Caetano Moura, em frente à Escola de Arquitetura e tem como estilo a linguagem informativa, como as campanhas publicitárias da saúde pública brasileira: Aids mata, dengue mata. Como um aviso de que algo pode causar mal não só às mulheres, mas a todas as vítimas desse ímpeto preconceituoso, a informação provém não de um órgão oficial, mas de um compartilhamento de sentidos pelos muros. A aproximação das campanhas publicitárias é capaz de acessar nossa experiência e detectar a mensagem como algo que precisamos dedicar atenção, de acordo com o perigo que suscita.



Imagem 01: Registro na Rua Caetano de Moura, em 19/08/13, acervo das autoras

Uma das outras seis imagens, foi a do mesmo estêncil que sofreu um apagamento não tão bem realizado, o que nos possibilitou reconhecer e ler ainda o texto, que se encontrava junto com muitos outros, depois da passagem de um

protesto⁸ maior pelo Campus da UFBA, Ondina. Podemos aproximar as marchas que tomaram as ruas brasileiras em/depois de junho de 2013, ao modo de fazer dos escritores urbanos, errando caminhos na cidade, hesitando e mudando de rumo diante da presença da polícia ou de outras ordens institucionais.

Todos os *graffitis* que estavam no muro do restaurante universitário também foram apagados, sendo considerados como sujeira, mas será que não eram apenas dados de uma possibilidade da ampliação da dimensão de conhecimento da realidade social, na universidade? Em quem escreveu, se esforçou a ler, ou ainda teceu uma linha, conectando a imagem semi-apagada com a encontrada no outro lugar, tal imagem pode ter causado um desconforto. Ao perceber que mesmo nos muros, a voz da denúncia da opressão feminina ao insistir em existir, é constantemente alvo de tentativas de apagamento, o mal-estar é provocado assim como quando se tenta calar outras vozes dissonantes às normas hegemônicas vigentes. Felix Guattari aponta que quando a produção simbólica passa pela dimensão sensível, o desejo de se “excentrar em relação aos quadros e coordenadas pré-formadas” (GUATTARI, 2012 [1992], p.116) se torna cada vez maior.



Imagem 02: Registro no Viaduto Politeama, em 01/09/13, acervo das autoras.

⁸ O protesto foi uma das manifestações que ficaram conhecidas como as Jornadas de Junho em 2013, às quais inicialmente apoiavam a revolta contra o aumento de tarifa do transporte público em São Paulo, reivindicavam a melhoria no sistema de transporte público e levaram às ruas diferentes movimentos sociais, entre eles, em Salvador, o da luta de afirmação feminista.

A potência crítica de transformar o entendimento da questão da mulher, se constitui aqui pela contaminação transversal afetiva da experiência produzida na cidade, no contato com outros desejos também explicitados. A imagem que traz as palavras "mulheres na rua", tensiona e incentiva o estar feminino no espaço urbano, não tão expressivo em relação à população feminina. O estilo traz um tom imperativo, convocando e reivindicando uma situação que vai contra a coordenada pré-formatada machista que diz que lugar de mulher é dentro de casa, ou no fogão, ou no tanque, etc..

Tal discurso tem uma relação com a realidade contestada por Rose Marie Lagrave, quando esta percebe que as diferenças sociais sentidas no cotidiano acadêmico não eram exclusivas à sua situação de classe social. Ao fazer alusão aos movimentos sociais que colocam as classes de trabalhadores na rua para lutar contra os patrões, clamar pelas mulheres na rua incita uma ocupação do espaço público urbano baiano, simples, mas não usual. A chamada transforma o grito dos movimentos sociais para o movimento feminista, recriando esteticamente a tomada de consciência da importância do feminismo como um ato de nascença, de Lagrave.



Imagem 03: Registro no Viaduto Politeama, em 23/09/13, acervo das autoras.

Como pequenos vaga-lumes (DIDI-HUBERMANN, 2011), as imagens lampejam entendimentos políticos diferentes das normas tácitas que são vividas cotidianamente nas ruas. Liberam outras histórias que em sua potência estética redesenham lugares para as mulheres, seus desejos e suas experiências na vida soteropolitana. A imagem do corpo feminino desvelando uma epifania do prazer atualiza uma corpografia outra para as ruas da cidade de Salvador. Ao invés de afirmar a situação do corpo da mulher que se protege, ressignifica uma posição em situação corporal: a mulher negra de ponta cabeça mostra sua potência de também sentir prazer. Uma cidade em que nossos corpos são atravessados por comentários machistas, opressores e até violentos, ter um *graffiti* que traz a representação de um dos momentos de prazer mais femininos – algo que na violência sexual cotidiana não é levado em consideração pelos agressores, já que é uma situação que parte do desejo da mulher – é realmente uma produção capaz de colocar em circulação desvios dos sentidos pré-estabelecidos já difundidos na realidade social.

Atualizações

A potência da contaminação transversal afetiva pela prática/cultura do *graffiti* também carrega a errância como modo de vida na cidade. Tal experiência de escrita, anônima, é “indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos da noite” (DIDI-HUBERMANN, 2011, p.148), momentos nos quais os *graffitis* costumam ser pintados. Como uma fissura aberta no muro de contenção do imaginário político (RIBEIRO, 2011) feminino, essas imagens contestam uma imposição machista. Ao contestar e se fazer visíveis, elas podem ser aproximadas das ideias de lampejo em Didi-Hubermann e de ordem política – que rasga e atravessa a ordem policial – em Rancière (1996). Ao dar visibilidade ao dano (Ibid.) sofrido pela mulher, a produção de cenas de dissenso é a potência política fulgurante, que emerge na realidade social, esta última sendo considerada como a própria ordem policial, seguindo Rancière. Do mesmo modo, podemos entender a dimensão política nas situações de falas e cuidados da moradora de rua e da vendedora de coco, diante da opressão também institucional/masculina, que determina pacificações sem fazer corpo junto às que lá já estavam. Ao contrário, percebemos que o dispositivo de pacificação opera em consonância com a dita ordem policial: com seus discursos, ações e formas, visa se sobrepor de maneira a ofuscar os

lampejos políticos. As imagens, falas e modos de ocupar o espaço público outros, por serem destoantes ao dispositivo, se fazem visíveis, perceptíveis a um corpo errante.

A situação em que nos encontramos é bastante potente pois, além de colocar nossos corpos à prova da vida na rua, nós colocamos igualmente à prova a nossa condição subjetiva e nossas relações sociais. Fazer texto do que nos aflige pode ser considerado uma tática para tensionar e expandir a dimensão que a atuação acadêmica costumeiramente atribui a nós, estudantes. Questionar nossa prática nos cadernos de campo, redesenhando os percursos experienciados na pesquisa, como sugere Florence Weber, possibilitou-nos uma compreensão mais crítica do que a que estávamos sujeitas à apreender como mulheres, estudantes e estrangeiras, em Salvador. O que inicialmente pode nos perturbar, provocando uma espécie de caos e/ou desorientação, se nos determos com mais cuidado, é capaz de nos fazer enxergar elementos importantes em meio extremamente complexo que é a cidade.

Podemos perceber que mesmo se considerada apenas como um lampejo, tal desordem, agora entendida como ordem política, rapidamente contamina o meio, numa brevidade ínfima, mas que acreditamos ter potência para transformar a realidade cotidiana compartilhada na rua.

Referências

AGANBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo?** Outra travessia nº 5. IIha de Santa Catarina, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol. I** – Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola Berenstein. **Cenografias e corpografias urbanas**: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPG-AU UFBA, Salvador, v. 7, número especial, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

COUSTRAS, Jacqueline. **Territoires du quotidien et espaces sexués**: du voisinage résidentiel aux espaces d'anonymat. In: Revista Strates n.14, 2008. Disponível em: <http://strates.revues.org/6737> desde 05 mars 2013. Consultado em 26 de agosto de 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel [1979]. **Microfísica do Poder**. [Organização e tradução de Roberto Machado]. Rio de Janeiro|São Paulo: Edição Paz & Terra, 2014.

GUATTARI, Félix [1992]. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA; 2012.

LAGRAVE, Rose Marie. Se ressaisir. **Revista Genre, sexualité & société**, n.4, 2010. Disponível em: <http://gss.revues.org/1534> desde 5 de décembre de 2010. Consultado em 26 de agosto de 2015.

MONNET, Nadja. Flanâncias femininas e etnografia. *Revista Dobra*, n. 11, p. 218-234. Salvador: Edufba, 2013. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/?page_id=109 Consultado em 26 de agosto de 2015.

RANCIÈRE, Jacques **O desentendimento**: Política e Filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político. Entrevista. **Revista Marimbondo**, v.01, 2011. Disponível em www.revistamarimbondo.com.br.

_____. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana. **CADERNO CRH**, v. 18, n. 45, p. 411-422, Salvador, Set./Dez. 2005.

SANTOS, Milton [1996]. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

WEBER, Florence. Journal de terrain, journal de recherche et auto-analyse. Entrevista de Gérard Noirel. In : **Genèses**, n.2, A la découverte du fait social, p. 138-147, 1990.

WOLLF, Janet. The Invisible Flaneuse: Women and the Literature of Modernity. **Revista Theory, Culture & Society**, n.2, p. 37-46, 1985.